

FERNANDO PESSOA

ANTINOUS E OUTROS
POEMAS EM INGLÊS

edição

Richard Zenith

tradução

Luísa Freire

ASSÍRIO & ALVIM

Se excetuarmos uma quadra que recitou para a mãe aos sete anos de idade, o primeiro poema de Fernando Pessoa foi composto em inglês, quando tinha doze anos incompletos. Foi também nesta língua que escreveu o seu último poema, oito dias antes de morrer. Entre esses dois momentos, escreveu centenas de outros poemas em inglês, sobre os mais variados temas e empregando estilos diversíssimos. Desde jovem e durante largos anos, ambicionou ser reconhecido como um grande poeta da língua de Shakespeare, o que não viria a acontecer. É como poeta e prosador da língua portuguesa que é hoje apreciado no Reino Unido, nos Estados Unidos e noutros países anglófonos.

A evolução poética de Pessoa foi tudo menos linear, linguisticamente falando. Apesar de ter escrito um poema em inglês já em 1901, o seu primeiro grande surto de criação poética foi em português, durante as longas férias em Portugal que cortaram, em duas fases distintas, os nove anos da sua infância vividos em Durban, na África do Sul. Em 1902, nos meses antes e depois do seu 14.º aniversário, festejado em Lisboa, o jovem autor escreveu mais de quinze poemas na língua materna, demonstrando um profundo conhecimento de esquemas métricos e formas rimáticas, incluindo modalidades de versejar específicas da tradição portuguesa. Regressado a Durban, no outono desse mesmo ano, era natural que passasse a versejar

em inglês, uma vez que falava esta língua na escola e estava imerso em leituras da poesia inglesa. Milton e poetas românticos como Byron, Wordsworth, Keats e Shelley contam-se entre as influências mais evidentes nos seus primeiros poemas ingleses, alguns dos quais assinados por Charles Robert Anon.

De regresso a Lisboa, com 17 anos, Pessoa continuou a escrever a sua poesia em inglês, o que era compreensível, pois estava assim habituado. Em 1906 surgiu Alexander Search, personagem literária anglófona, que assinaria dezenas de poemas e muita prosa. Esta figura também «expropriou» grande parte do património literário de C.R. Anon, cujos poemas passaram, na sua maioria, a fazer parte da obra atribuída a Search. Nascido em Lisboa no mesmo dia que Fernando Pessoa, Alexander Search refletia de perto o ardente interesse do seu criador por questões filosóficas e sociais.

Apenas no final de 1908, mais de três anos após o seu regresso definitivo à pátria de origem, começou Pessoa a escrever, finalmente, poesia lírica em português. Se a confrontarmos com a sua produção inglesa, notamos logo uma diferença sensível. Os poemas de Pessoa em português têm mais música, mais carne, mais sangue. As ideias expressas são por vezes as mesmas, mas em português ganham um encanto — um poder imediato de sedução sobre o leitor — que raramente atingem em inglês, apesar do seu extraordinário domínio desta língua. Por paradoxal que possa parecer, sucede que o inglês de Pessoa, para fins poéticos, era excessivamente literário. Provinha de Shakespeare, Milton, Poe e Shelley, sem estar organicamente enraizado na sua alma. Se tivesse passado mais tempo a brincar

ON DEATH

When I consider how each day's career
Doth with its footstep swift yet heavy tread
Approach my soul to those great regions dread
And bring my youth to timeless death more near,

Though strange and sad to me it doth appear
That I (who now am life) must soon be dead,
Some vague, uncertain sorrow weighs my head
And whelms my coward mind with lengthless fear.

Nevertheless though sorrow rage and tear
My heart, yet I each moment's boon shall seize.
And shape rude laughter from each heart-felt moan:

Not without hope is most extreme despair,
I know not death and think it no release —
The bad indeed is better than the unknown.

SOBRE A MORTE

Quando penso que os dias a passar
Em passos breves, mas em peso sentidos,
Minh'alma levam a espaços temidos
E a juventude à morte vai dar,

Por estranho e triste que me pareça
Que em breve (ora vivo) eu vá morrer,
Vaga, incerta dor que pesa em meu ser
Faz com que a mente em pavor desfaleça.

Contudo mesmo em raiva, choro e pena
Cada instante é consolo ao coração
E com riso acolherei cada gemido:

Do fundo desespero a esp'rança acena.
Na morte não vejo a libertação —
É melhor o mau que o desconhecido.

MAIO DE 1904

TO ONE PLAYING

Play on with that music all lonely
Wandering through me like a breeze
Half-lost in the calm of night,
A melody half-heard only
Like the sound of stupendous seas
That in motion feel a delight.

For in thy rhythm soft and pealing,
For thou in that meterless rhyme
Awakest in me a spirit stress,
A widening, deadening of feeling
That is to my normal consciousness
As Eternity is to Time.

PARA ALGUÉM QUE TOCA

Não pares essa música isolada
Que, como brisa, por mim vem passar
Perdida na calma do anoitecer,
Melodia só a meio escutada
Tal como o som do imenso mar
Que, no movimento, encontra prazer.

Pois em teu ritmo suave e repetido,
Tu, nessa canção em metro desigual,
Em mim acordas a espiritualidade,
Num alargar e morrer do sentido
Que aparece à consciência natural,
Como para o Tempo a Eternidade.

DEZEMBRO DE 1905

SOUL-SYMBOLS

My soul — what is my soul? But symbols mute
Its horror and confusion can give out:
A desert out of space where absolute
Reigns expectation full of horrid doubt.

It gives the sense that giveth, strange and dark,
Some unknown river weird, hauntingly lone,
In some old picture storiless, sole work
Of some great painter horribly unknown.

It is an island out of human track,
Mysterious, old within the sea and full
Of caves and grottoes unexplored and black,
Pregnant with many horrors possible.

It is an olden inn with corridors
Woven in a labyrinth and scarce of light,
Where through the night the sound of shutting doors,
Vague in its cause and place, fills us with fright.

It is a mountain region wild and free,
Precipiced, hid and silent, never seen,

A ALMA EM SÍMBOLOS

Minha alma — o que é? Só em símbolos mudos
Seu horror e confusão serão exprimíveis:
Deserto fora do espaço onde, absoluta,
A esperança reina com dúvidas horríveis.

Sua ideia é a que dá, estranha e escura,
Qualquer rio desconhecido, só, embruxado,
Num velho quadro ignoto, única pintura
De algum bom pintor, por azar ignorado.

Ela é uma ilha fora de humanas vias,
Misteriosa, antiga no meio do mar,
Com grutas, cavernas virgens e sombrias,
Cheias de horrores, possíveis de encontrar.

É velha estalagem com corredores tecidos
Num labirinto escuro onde, noite fora,
Sem causa nem lugar se ouvem ruídos
De portas a fechar, o que nos apavora.

Montanhosa região, livre e bravia,
De precipícios silentes, invisíveis,

Where we dare not think of what might have been
Nor wish idea of what things may be.

If ever mystery, romance and fear
Have shown their heart on canvas and on scroll,
It must assuredly to men appear
As to mine inner sense appears my soul.

It is a vision-desert full of rocks
Where all than reason is both more and less,
'Tis a lone coast where the sea's endless shocks
Fill with an empty sound its lifelessness.

Something of lost, forgotten, vague and dead,
Yet waking, as a slumberer mystical
Seems to perceive, for who looks knows with dread
That something he doth see to make appal.

All this my soul is in its weak despair,
Full of sense unto pain, of thought to tears,
Having for meed of reason a mute care,
For company to feeling — woes and fears.

So to my glance, as if with opium wide,
My very self is grown a mystery;
In inextatic fear Life doth abide
And Madness like my breath is within me.

Onde não ousamos pensar o que seria
Nem querer saber que coisas lá possíveis.

Se mistério, romance ou medo um dia
O coração mostraram em papel ou tela,
Decerto que aos homens ele apareceria
Como a alma surge ao meu sentido dela.

Deserto de penhascos no meu imaginar
Onde tudo está aquém e além razão,
Costa erma onde, sem fim, o bater do mar
Enche de um som vazio a sua solidão.

Algo perdido, vago, morto e olvidado,
Mas desperto, como alguém em místico sonhar,
Se nota, pois quem olha sabe apavorado
Que alguma coisa vê que é de aterrar.

Tudo isto é minh'alma, em desespero desolado,
Sentindo tudo em dor, pensando até chorar,
Tendo por paga da razão mudo cuidado,
Como companhia do sentir — medo e pesar.

Como alargado em ópio, ao meu olhar
Meu próprio ser um mistério se fez assim;
A Vida no medo já vem habitar
E a Loucura, como o sopro, está em mim.

FEVEREIRO DE 1906

ALEXANDER SEARCH

ON DEATH	18
TO ONE PLAYING	20
SOUL-SYMBOLS	22
GOD'S WORK	26
MANIA OF DOUBT.....	28
THE CIRCLE	30
A TEMPLE	32
THE GIANTESS.....	34
A QUESTION.....	36
EPIGRAM.....	38
35 SONNETS	
I Whether we write or speak or are but seen.....	42
II If that apparent part of life's delight.....	44
III When I do think my meanest line shall be.....	46
IV I could not think of thee as piecèd rot.....	48
V How can I think, or edge my thoughts to action.....	50
VI As a bad orator, badly o'er-book-skilled	52
VII Thy words are torture to me, that scarce grieve thee.....	54
VIII How many masks wear we, and undermasks.....	56
IX Oh to be idle loving idleness!	58
X As to a child, I talked my heart asleep	60
XI Like to a ship that storms urge on its course.....	62
XII As the lone, frightened user of a night-road.....	64

<i>Prefácio</i>	7
-----------------------	---

ALEXANDER SEARCH

SOBRE A MORTE	19
PARA ALGUÉM QUE TOCA	21
A ALMA EM SÍMBOLOS	23
OBRA DE DEUS	27
MANIA DA DÚVIDA	29
O CÍRCULO	31
UM TEMPLO	33
A GIGANTE	35
A PERGUNTA	37
EPIGRAMA	39

35 SONETOS

I Na escrita, na voz ou na aparência	43
II Se essa parte visível do prazer	45
III Quando penso que a mais modesta linha	47
IV Não podia pensar-te já desfeita	49
V Como posso pensar ou querer agir	51
VI Como um mau orador, livros em mente	53
VII Tortura-me o que dizes — a ti não	55
VIII Ah quantas máscaras e submáscaras	57
IX Oh, ser ocioso amando a ociosidade!	59
X Meu coração — criança — eu embalei	61
XI Como o barco impelido na tormenta	63
XII Tal como quem só, estrada deserta	65

XIII	When I should be asleep to mine own voice	66
XIV	We are born at nightfall and we die ere morn.	68
XV	Like a bad suitor desperate and trembling	70
XVI	We never joy enjoy to that full point	72
XVII	My love, and not I, is the egoist.	74
XVIII	Indefinite space, which, by co-substance night	76
XIX	Beauty and love let no one separate	78
XX	When in the widening circle of rebirth	80
XXI	Thought was born blind, but Thought knows what is seeing	82
XXII	My soul is a stiff pageant, man by man	84
XXIII	Even as upon a low and cloud-domed day	86
XXIV	Something in me was born before the stars	88
XXV	We are in Fate and Fate's and do but lack	90
XXVI	The world is woven all of dream and error.	92
XXVII	How yesterday is long ago! The past.	94
XXVIII	The edge of the green wave whitely doth hiss	96
XXIX	My weary life, that lives unsatisfied.	98
XXX	I do not know what truth the shown untruth.	100
XXXI	I am older than Nature and her Time	102
XXXII	When I have sense of what to sense appears.	104
XXXIII	He that goes back does, since he goes, advance.	106
XXXIV	Happy the maimed, the halt, the mad, the blind.	108
XXXV	Good. I have done. My heart weighs. I am sad.	110
ANTINOUS		113
INSCRIPTIONS		145
EPITHALAMIUM		157
THE MAD FIDDLER		
	THE MAD FIDDLER.	194
	SPELL.	200

XIII	Quando devia esquecer a minha voz	67
XIV	Vivendo entre o poente e a manhã.....	69
XV	Como o mau amante exaspera e treme	71
XVI	Nunca o gozo se goza na medida	73
XVII	O meu amor, não eu, é egoísta	75
XVIII	Infindo espaço que, da noite par.....	77
XIX	Da beleza ninguém separe amor	79
XX	Quando na vasta roda do regresso	81
XXI	Nasceu cego o Pensar sabendo o que é ver.....	83
XXII	Minha alma é gente em cortejo hirto.....	85
XXIII	Num dia encoberto, em nuvens fundido	87
XXIV	Antes dos astros algo em mim nasceu	89
XXV	Somos do Fado e nele; só falta ter.....	91
XXVI	O mundo é de erro e sonho só tecido	93
XXVII	Como o ontem é há muito! O passado.....	95
XXVIII	A onda verde açoita brancamente	97
XXIX	Minha vida é cansada, insatisfeita	99
XXX	Não sei o que ter possa de verdade.....	101
XXXI	Mais velho sou que a Natureza e Tempo	103
XXXII	Quando sinto o que vai aparecer.....	105
XXXIII	Quem para trás vai, só por isso avança	107
XXXIV	Feliz o cego, o louco, o mutilado	109
XXXV	Cumpri. Pesa o coração. Estou triste.....	111
ANTÍNIOO.....		113
EPITÁFIOS.....		145
EPITALÂMIO		157
O RABEQUISTA MÁGICO		
	O RABEQUISTA MÁGICO	195
	ENCANTAMENTO	201

THE POEM	202
MEANTIME	204
HER FINGERS TOYED ABSENTLY WITH HER RINGS	206
THE LOST KEY	210
THE SUNFLOWER	212
THE HOURS	216
ANAMNESIS	218
CHALICE	220
THE FORESELF	222
THE KING OF GAPS	226
FIAT LUX	228
SONNET	234
ALENTEJO SEEN FROM THE TRAIN	238
The sky is a great turquoise shining glee	240
I write this to thy memory, my love, who art not dead	242
Each month, it seems, my hair doth grow more gray	244
I love this world and all these men because	246
Was it just a kiss?	248
D.T.	252
There was a wonderful lady	256

O POEMA	203
ENTRETANTO.....	205
OS DEDOS DELA BRINCAVAM DISTRAÍDOS COM OS ANÉIS	207
A CHAVE PERDIDA	211
O GIRASSOL	213
AS HORAS	217
ANAMNESE.....	219
CÁLICE	221
O EU ANTERIOR	223
O REI DOS HIATOS.....	227
FIAT LUX.....	229
SONETO	235
OUTROS POEMAS	
ALENTEJO VISTO DO COMBOIO	239
O céu é uma grande turquesa a brilhar.....	241
Escrevo à tua memória, amor, sem teres morrido	243
Cada mês, meu cabelo grisalho vai ficando	245
Amo este mundo e seus homens, pois sei bem	247
Terá sido só um beijo?	249
D.T.....	253
Houve uma bela mulher	257
Notas.....	259